



Todos os mosteiros cistercienses são, por deliberação do Capítulo de Cister, “fundados em honra da Rainha do céu e da terra.”

A escultura de Nossa Senhora do Claustro, em pedra policromada e atribuída a Nicolau de Chanterenne, terá pertencido à fachada primitiva. Segundo Frei Manoel dos Santos, terá caído no terramoto de 1531 sem se danificar, milagre que motivou que lhe fosse erguido altar no Claustro das Procissões, no lugar reservado ao assento do Abade.

O mosteiro cisterciense primitivo é uma fortaleza cujas fachadas são “encerradas” ao exterior, não possuindo nichos nem qualquer outro suporte para uma escultura. Neste contexto, sendo esta escultura uma obra anterior ao terramoto de 1531, a sua localização primitiva poderá indiciar uma primeira modificação da fachada na qual tenha sido aberto um nicho dedicado a Nossa Senhora de Claraval.

Poderemos, no entanto, estar perante uma representação de Nossa Senhora do Manto ou de Nossa Senhora da Consolação, cuja representação, tardia, foi frequentemente colocada na Galeria da Colação. Neste altar tinham lugar as *Antífonas da Virgem*, que integravam o *ofício de Completas*.

Independentemente de qual seja a sua cronologia e localização inicial, este altar dedicado a Nossa Senhora confirma a importância da invocação mariana cisterciense, na sua forma originária que é a de **Nossa Senhora de Claraval, Senhora de todas as Vitórias**. Esta sua localização no Claustro apresenta-se imbuída de um profundo sentido tutelar como única e verdadeira Mãe da Igreja, a única mediadora no longo caminho da salvação: a Senhora de todas as vitórias, espirituais e materiais (de que o terramoto é exemplo). Papel que o “milagre dos pães” que Manuel dos Santos lhe atribui apenas reforça, numa clara evocação do episódio bíblico das “Bodas de Canã”.

Na interpretação segundo as concepções seiscentistas, uma imagem de Maria que cai e não se quebra simboliza a própria cristandade (e a fé individual) que, atacada, se ergue e resiste, perseverando nos ensinamentos do Senhor.



«A sagrada imagem da Senhora que cahio do frontispício puseram os monges na claustra em hum nicho, que lhe mandaram fazer na parede do lanço da parte do meio-dia, e com grande devaçam continuaram sempre em visita-la e reverencia-la. He imagem de grande estatura; e sendo de pedra tosca o rosto he tam perfeito que duvido possa haver mulher que a exceda em formusura. Contam-se da mesma imagem milagres, entre os quais o mais notável he o seguinte. Hum dia de hum anno de grande fome acodiram a portaria por esmola mais pobres, dos que costumavam vir, o que foi causa de nam abranger o pam prevenido a todos; e como os pobres que ficavão sem esmola esforçassem com lagrimas a sua necessidade, o religioso que repartia a esmola compadecido e arrebatado da caridade foi ao refeitório, e sem advertir no que fazia trouxe todo pam que achou e estava para os monges, e o distribuiu inteiramente pelos pobres. Feito isto recolhia-se para dentro, mas cahindo já na falta que tocava aos monges, e nam vendo modo de remedia-la foi prostrar-se diante da sagrada imagem da May de Deos no claustro expondo-lhe com viva fe a falta de pam, e também o castigo que lhe dariam pela sua, ao parecer, indiscreta caridade. Ouvio a Senhora os gemidos do seu servo; e sendo elle tocado de dentro por impulso superior se levantou dos pes da Senhora e entrando no refeitório achou maravilha grande. Todos os graos dos monges com pam para o jantar; e na casa de dentro o pam necessario para a cea. Agradecidos os monges a tam extraordinaria merce mandaram lavrar dous pães de pedra hum de jantar, outro de cea da mesma medida e grandeza do pam milagroso e os puseram no alto da parede interior do refeitório quando entramos a mam esquerda; e por baixo dos paens letra que conta o milagre.»

SANTOS, Fr. Manoel, *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça*, B.N.L. ALC. 307, FOLS. 1-35. Leitura, Introdução e Notas por Aires Augusto do Nascimento. Alcobaça, Alcobaçiana, Colectânea Historica, Arqueológica, Etnográfica e Artística da Região de Alcobaça, Nº 3.

NOTA: Segundo Aires do Nascimento, os pães e a inscrição foram removidos em 1929, no quadro das obras de restauro levadas a cabo pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.